



Miriam Leitão

miriamleitao@oglobo.com.br

Tanto tempo depois

Para um jornalista, que vive da notícia do dia-a-dia, é um enorme desafio olhar para trás, num tempo que abrange 40 anos. Foi o que este caderno de economia fez nos últimos dias. Ontem, no seminário sobre o balanço dessas quatro décadas, houve acordo entre pessoas de partidos, convicções e times diferentes: o Brasil está diante de uma grande chance de desenvolvimento.

Esse esforço de desvendar o passado e pensar o futuro foi o desafio que a turma da economia do Globo se propôs para comemorar os 40 anos do caderno de economia. No seminário, houve uma concordância entre os que falaram: a sensação de que o Brasil, com todos os percalços que teve, com todas as dificuldades que ainda enfrenta, avançou muito. E hoje sabe mais o que quer.

Exemplo: combater a desigualdade, como lembrou o economista Marcelo Neri, da FGV. Ele disse que o crescimento per capita do país é um terço nesta década do que foi na do milagre econômico. Mesmo assim, a desigualdade está caindo mais que naquela

época.

O professor Luiz Gonzaga Belluzzo, da Unicamp, lembrou um tempo sombrio: A hiperinflação destrói o nexo entre as pessoas. Os que hoje pedem na Justiça a correção monetária a que teriam direito não sabem quanto perderam os que não tiveram correção naquele tempo, quando tínhamos duas classes: os bancarizados e os não bancarizados, com perdas violentas.

Mesmo no Plano Cruzado, que hoje é criticado pelo congelamento, houve avanços, lembrou Belluzzo. Ele citou o fim da conta de movimento — uma exótica conta conjunta entre o Banco do Brasil e o Banco Central — e a criação da Secretaria do Tesouro.

Com avanços a cada governo e a cada plano, o Brasil chegou à estabilidade. Para Marcelo Neri, o Real significou, para brincar com o nome, um choque de realidade.

O ministro Guido Mantega, orgulhoso, mostrou o desempenho do país na crise. Ele atribuiu isso mais ao governo Lula do que ao processo, ao contrário de outros palestrantes. Discordou do governador de Mi-

nas, Aécio Neves, que tinha dito que nos últimos 17 anos houve a continuidade que permitiu os avanços de hoje.

Mantega disse que foram mantidas a estabilidade, a Lei de Responsabilidade Fiscal, as metas de inflação, mas que não houve continuidade porque cada governo tem a sua filosofia. O ministro olhou para as crises passadas e mostrou que o país sempre levava três anos para voltar a crescer. Disse que as crises eram em L (a atividade econômica caía e ficava) e agora está sendo em V (caiu e levantou).

Na visão dele, o país cresceu cerca de 1,6% no segundo trimestre. O mercado aposta numa taxa maior. Mas isso na comparação com o trimestre anterior porque em relação ao mesmo trimestre de 2008 continuará em queda: - O Brasil teve o menor custo fiscal para recuperar-se da crise. A China gastou 13% do PIB no pacote fiscal; os EUA, 5,6%; e o Brasil é lanterninha, e neste caso é bom ser lanterninha, gastou entre 0,8% a 1% do PIB — disse o ministro. Mantega disse que na crise que se seguiu após o Milagre econômico houve déficit

comercial e de transações; e agora há superávit comercial e um leve déficit em transações correntes.

O ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso defendeu o desempenho econômico dos governos militares: Nós tínhamos tudo para ser como a Coreia mas perdemos, depois de 1985, o know how do crescimento, houve uma desconstrução do crescimento econômico como valor.

Disse que o Brasil foi campeão de crescimento nas décadas de 60 a 70: O desemprego em 1979 era de 2%. O emprego cresceu a 4% em média na década de 70, e o emprego industrial cresceu a 7%. A pobreza foi reduzida à metade. Adotamos naquela época políticas imperfeitas, mas funcionais.

Tema polêmico, do qual não consegui fugir estando na mesa de debates. Lembrei um dado publicado aqui no caderno: que o total de crianças fora da escola em 1970 era de 33%; em 1980 era também de 33%. No milagre, a educação foi posta de lado, a concentração da renda aumentou. Quem levou as crianças para a escola foi a democracia, nos anos 90.

Quem tem reduzido a concentração da renda, explicou Marcelo Neri, é também a democracia. Ele fez uma entusiástica defesa do Bolsa Família. - Gasto de 0,4% do PIB para beneficiar 25% da população é um ato de sabedoria — afirmou. Em resumo, o PIB oscilou mais, mas o Brasil teve grandes conquistas nos anos da democracia. O governador Sérgio Cabral disse que o Rio de Janeiro tem agora — comparado com 40 anos atrás — uma enorme oportunidade de atração de investimentos na área siderúrgica e de refinarias. Aécio ressaltou a necessidade de melhorar a eficiência da gestão pública: O país desperdiça por ano energia suficiente para iluminar uma cidade como o Rio.

Apesar do clima de confiança no futuro do país, os participantes do primeiro painel e da mesa de abertura admitiram que há muito a fazer: descentralizar a receita pública, reduzir desigualdades, investir em educação, retomar um ciclo de crescimento, evitando erros já cometidos no passado e que nos custaram tanto.

MIRIAM LEITÃO Publicação simultânea com o jornal O Globo